Bilac, Olavo
Bocage

OLAVO BILAC

BOCAGE



EDIÇÃO DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»


EMICA





OLAVO BILAC

Desenho de Antonio Carneiro.

BOCAGE

OLAVO BILAC

BOCAGE

Conferencia realisada
no Theatro Municipal
de S. Paulo em 19-3-17.

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

«Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nú brandindo, irado e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que, em solio refulgente,
Faça os povos felices, de tal sorte
Que o meu nome, apesar da negra morte,
Fique em padrões e estatuas permanente:

Se as suas impias leis inexoraveis
Não querem que os mortaes em alto verso
Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpetua fama no Universo . . .»

Bocage.

RELEMBREI-ME, tristemente, este desalentado soneto de Bocage, uma tarde, em Lisboa, numa loja do Rocio, em que se vendiam tabaco, jornaes, revistas, e edições baratas de litteratura equivoca. Sobre o balcão, havia um folheto mal impresso, de capa mascarrada, com um titulo vistoso, de chamariz, e um retrato do poeta:

«Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de tacha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno . . . »

Abri o livreco, e folheei-o. Entre alguns poucos versos authenticos de Bocage, e ainda assim errados, cheios de aleijões, cobria as paginas uma germinação de pantano, anecdotas insulsas, quadrinhas obscenas, motes e glosas de repugnante facecia,—tudo isso flagrantemente apocrypho, de gosto plebeu, de metro cambado, de grammatica mascavada, revoltantemente attribuido ao talento de um dos melhores vernaculistas, do melhor metrificador da poesia portugueza, de quem Theophilo Braga escreve «que é, depois de Camões, o unico poeta de quem o povo portuguez verdadeiramente se lembra». E voltaremos já a esta phrase, para mostrar até que ponto um singular concurso de circumstancias fataes deu a um dos mais

bellos e correctos cultores da nossa lingua a mais triste e lastimavel das reputações.

Atirei, com asco, a desavergonhada brochura. Pobre Bocage! Nem ao menos só pelas suas «desgraças lamentaveis» teve elle «perpetua fama no universo!» A fama lhe foi dada por esta ignobil literatura de porneu! Era a sua estatua, aquelle opusculo torpe!—a estatua, que lhe foi erigida, amassada de lama, no coração da sua amada Lisboa, naquelle mesmo Rocio, em que pompeou e brilhou, no fim do decimo-oitavo seculo, e no começo do decimo-nono, o famoso Botequim das Parras, theatro das glorias do inspirado repentismo de Elmano!... Como poderia Elmano, naquellas noites de triumpho, embriagado pelas

palmas e pelas acclamações, pallido e descabellado, no arrebatamento da improvisação, adivinhar que aquelle elogio geral, aquelle louvor dos letrados e applauso da plebe, aquelle incensamento de excessivas lisonjas em vida, seriam, depois da sua morte, desfigurados em labéus?

Triste fraqueza humana, esta, talvez a mais triste das fraquezas que nos diminuem e envergonham: o amor da popularidade!

É tão facil ser popular! terriveis assassinos, eximios ladrões, grandes devassos alcançam facilmente uma celebridade mais vasta do que a que logram os mais altos bemfeitores da humani-

dade e os mais claros servidores da arte. Nem é preciso para ganhar notoriedade ser um chapado criminoso, nem um rematado louco; para subir ao galarim, não é necessario ser Nero, nem Erostrato; a escalada para o fastigio não requer sublimidades de crueldade nem de megalomania: nem a carnificina de cem mil christãos, nem o incendio do templo de Diana. Para guindar um homem ao Capitolio, bastam tolices vulgares, extravagancias jocosas ou escandalosas, e pequeninas infamias: cortar, como Alcibiades, a cauda de um cão de preço; ou exaggerar, á guisa dos bufões de feira, momices e chalaças, originalidades de vestuario ou preciosidades de dizer; ou ainda, como Aretino, armar na praça publica um pelourinho para as reputa-

ções alheias, restaurando para espantalho dos timoratos as estatuas de Marforio e Pasquino. E nem tanto! A ascensão para o renome é ainda mais facil... Esses pobres diabos, a quem chamamos «typos de rua», que divertem ou incommodam os transeuntes, com a sua bebedeira ou a sua maluquice, são populares sem querer, inconscientes da sua popularidade... Pobres dons, os da fama publica!

Dir-se-á que ha exaggero nesta objurgatoria contra a celebridade, porque não se deve confundir o renome, que se attribue a um horrendo faccinora ou 'a um descarado palhaço, com o que se dá a um nobre estadista, ou a um bello poeta, ou a um admiravel homem de sciencia. Mas até a esses, até aos mais

dignos e puros sacerdotes da Verdade e da Belleza, sempre a celebridade dá uma deturpadora tacha. O vulgo não perdôa nem supporta facilmente superioridades intellectuaes ou moraes. Quando um homem se realça sobre o commum dos mais, logo nasce contra elle, entre os applausos, um sentimento hostil, que, se não é de inveja, é ao menos de instinctivo despeito e vaga irritação. E começa o trabalho da curiosidade malevola, o inquerito perverso... «É possivel que este homem, tão elogiado, não tenha todas as inferioridades, todas as mesquinharias, todas as miserias, que viçam em tantos entes sem talento e sem brilho? Exhumemos desta vida gloriosa alguns misterios, que se mudem em escandalos! catemos cara-

mujos neste rosal! esvurmemos espurcicias deste astro! espiolhemos torpezas na grandeza desta intelligencia e na limpidez desta moral! abaixemos esta montanha até o nosso pantano!» E lá vae a malignidade esperta, de olhos furadores e dedos mettediços. Este sábio deve ter algum segredo triste; este artista deve possuir algum lastro de materialismo grosseiro; este santo deve disfarçar debaixo da aureola alguma tinha de peccado! E, se não apparece immediatamente alguma verdade, que dê pasto á anciedade dos inquisidores, a calumnia abre o seu campo immenso, de fertil imaginação. E ahi rebenta sobre o tronco da alta arvore humana a lepra da vegetação parasitaria, escamas de podridão, lichens verde-negros, ferrugem voraz,

numa pullulação de aleives... O grande homem não é tresnoitado jogador, nem temulento borrachão contumaz, nem frequentador de viellas escusas, commensal de tavolagens, de tascas, de prostibulos? Pouco importa! Inventem-se sobre elle e contra elle inclinações monstruosas, vagos desvios, inconcebiveis perversões, em que se não possam estabelecer verificações nem desmentidos; ou o celebre deve ser avarento, ou ganancioso, ou venal, ou secco de alma; ou talvez haja, no recesso de sua familia, alguma infelicidade, que, assoalhada, respingue vergonha ou ridiculo sobre o seu nome... Que homem celebre já se livrou deste imposto sobre a celebridade? Sobre o lar domestico de Victor Hugo, houve quem despejou o cantaro da lama in-

fecta, maculando a doce mulher que perfumou a casa, a lyra e toda a vida do extraordinario poeta; de Gœthe, disse-se que o seu coração era arido como uma rocha alpestre, e que o seu desamor infernou todas as mulheres que o amaram, até aquella que lhe deu o sêr e o leite; e de Shakespeare inventou-se que acabou os dias, usurario sordido, emprestando dinheiro a agio cruel, e desgraçando viuvas e orphans...

Além do mais, e principalmente, o renome em vida tem esta desvantagem: o captiveiro. O homem renomeado perde a propriedade de si mesmo e fica escravo da peior das tyrannias, que é a tyrannia exercida pela multidão. Aquelle, que é constantemente falado, deificado e diffamado pela voz publica, é como o ouro

amoedado, que corre de mão em mão, roçando o tapete de todas as tavolas, sujando-se no zinco de todos os balcões, perdendo o peso e o brilho. Mais vale para qualquer homem, e sobretudo para um artista, ser como o ouro, que se affeiçôa em custodia e se guarda na velada paz do santuario...

Isto apenas se refere, está claro, á popularidade em vida. Depois da morte, a aura popular muda de nome, e é a gloria. E aqui cabe completar a phrase de Theophilo Braga: «É certo que o povo portuguez só conhece dois poetas pelos seus nomes—Camões e Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estancias

de Tasso ou os romanos as canções de Salvator Rosa, já que em Portugal se deu uma forte separação entre os escriptores e o povo, mas porque Camões synthetisa o amor da patria, e Bocage o repentismo muitas vezes cynico das suas anecdotas picarescas...» Ahi apparece, em plena luz, a funda differença que ha entre os dois renomes: o que é grangeado durante a vida, e o que é fruido depois da morte. Camões ficou celebre, de uma celebridade sem macula, porque, depois de ter vivido desconhecido ou quasi desconhecido, appareceu, depois da morte, aureolado da gloria de ser o enternecido e puro cantor da sua nacionalidade, e revestido de uma mysteriosa penumbra de legenda; as suas aventuras de espadachim e de

arruador duraram pouco, em Lisboa, antes das suas campanhas e do seu exilio; os seus 16 annos da Asia mataram o seu nome; e este nome, depois, fulgiu ao povo, como de um deus invisivel. Ao contrario, Bocage, que apenas viveu quatro annos fóra de Portugal, foi sempre uma figura infallivel de Lisboa; conhecido (infelizmente conhecido demais!), adulado e diffamado, elogiado e injuriado, amado e odiado, celebre em vida, conservou depois da morte a nodoa dessa triste celebridade de rua e botequins, reputação de repentista facil, equivoco lustre de rimador e contador de historietas immundas...

O pobre Elmano teve a consciencia disto, quando escreveu em Macau este admiravel soneto:

«Camões! grande Camões! quão semelhante
Acho o teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar com o sacrilego gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demando ao céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu és tu... Mas, oh tristeza!
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da Natureza!»

A differença não consistiu nos dons da Natureza. Consistiu na disparidade dos destinos. O Destino não se importa muito com os dons da Natureza... Bocage nasceu cento e oitenta e cinco annos depois da morte de Camões—quasi

dois seculos. A época em que Camões viveu era ainda épica; a de Bocage era sensual — e burlesca.

Bocage nasceu em 1765, e nasceu poeta, pela influencia do sangue e pela da atmosphera de poesia que lhe cercou o berço. O pae era poeta; poeta era o tio-avô, Pierre Joseph Fiquet du Bocage, casado com uma poetisa franceza, Marie Anne Lepage; e poetisa era a irmã mais nova de Manuel Maria, dona Maria Francisca, nobre e carinhosa senhora, que acompanhou sempre o infeliz poeta na gloria, na miseria, na enfermidade e na morte. Manuel Maria nasceu poeta:

« Das faixas infantis despido apenas,
Senti o sacro fogo arder na mente:
Meu tenro coração inda innocente
Iam ganhando as placidas Camenas

Faces gentis, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente
Da idéa me extrahiam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino:

A Amor quiz esquivar-me, e ao dom sagrado;
Mas vendo no meu genio o meu destino,
Que havia de fazer? cedi ao fado.»

Cresceu o menino, a ouvir e fazer versos; fez-se rapaz, assentou praça no exercito, obteve baixa, matriculou-se na Academia de Marinha; e veiu cahir em Lisboa, no anno de 1781, aos 16 annos de edade. Que era Lisboa, que era Portugal, naquelle tempo? Já não era governo o grande Pombal, que morreu no anno seguinte. Corria, para a historia

de Portugal, uma phase triste, em que é difficil dizer o que mais dominava: o fanatismo ou a luxuria, a intolerancia politica e religiosa ou a depravação dos costumes.

No paço, Lisboa era isto, segundo Oliveira Martins: « O palacio era um convento. O rei esposo, feissimo, com um aspecto de idiota, o olhar esgazeado, a peruca desgrenhada, parecendo bebedo, era um sacristão, ou coisa nenhuma... Por toda parte, se murmuravam terços, e havia santos por todos os cantos, em oratorios e nichos, com velas e lampadas accesas. E o exercito era uma confraria. » Nas ruas, era isto: « A capital do reino recordava aos viajantes sabios, que tinham visto mundo, Fez ou Mequinez em Marrocos. Mas sobre a

Lisboa africana havia uma outra Lisboa afrancezada; e a reunião das duas produzia contrastes extravagantes. O janota odiava os costumes nacionaes, falava em francez ou italiano. Meneando-se ostentosamente nas ruas, recebendo algum recado, que os criados lhe davam de joelhos, o fidalgo janota era chamado por varias occupações. Estacionava nas esquinas e nos adros das egrejas, namorando de estafermo, fazendo signaes com o lenço («alcoviteiro das distancias»), ou partia escudeirando a dama. Corria apressado, de uma missa a uma «grade», a um «outeiro»... As meninas, das janellas, faziam-lhe momices e acenos, chamando-o ás vezes, á escada, para cochicharem; e pela noite a fóra ia aos conventos das freiras, onde mais de

uma vez a policia deu assaltos, para expulsar as ternuras. Por essas horas perdidas, nas ruas da mal cheirosa Lisboa, despenhavam-se das janellas as cataractas das immundicies... Os mendigos iam esmolando, como fakirs; os andadores dos conventos vendiam piedosamente uvas, rapé, e muitas coisas mais, pelas almas do purgatorio...» E nos conventos o requinte devoto reunia-se ao apuro do namoro: «a sala da «grade», deliciosamente fresca, perfumada de jasmins, com uma luz tepida, era ao mesmo tempo a doirada gaiola das sallesias e das pombas, dos papagaios e dos canarios, que voejavam soltos, dos poleiros para o seio das meigas freiras; e nesta deliciosa mansão as visitas comiam doces, ouvindo os discursos sera-

phicos do confessor...» E nas salas: «Os «peraltas» e as «franças» ou «secias» falavam agitadamente, com grande mobilidade, agudeza e repentes, em coisas preciosas. Esta era «Sol-entre-nuvens»; os olhos de outra eram «Figas-de-Cupido» por serem pretos; «Ciumes-da-vista» os azues, «Traições-á-beata» os pardos. Os pés chamavam-se «Onças-de-Neve», as mãos «Jasmins-de-carne». As mães sizudas eram «Venus-maduras»... A modinha brasileira era o encanto doce da sociedade licenciosa. Havia mulatos celebres, authenticos, applaudidos nos salões, por darem ao lundú um accento libidinoso como ninguem... Depois do lundú, alguma velha marqueza, alta, com o rosario de perolas e topazios enrolados no pulso,

dizia, lembrando-se de outros tempos: «lá vae!»—era um mote, que os peraltas orates glosavam. E as meninas, derretidas, applaudiam com affectação: bello! sublime! precioso!...»

Foi nesta cidade e nesta sociedade que o mancebo cahiu de chofre, ávido de amores e de glorias. E começou logo a perverter o seu talento nos improvisos, e o seu coração no desregramento geral. E habituou-se á triste existencia de parasita, vivendo ás sopas da gente rica, retribuindo com repentes e glosas a ceia que lhe davam, ou, como elle disse, num verso que escreveu pouco antes de morrer: «Pagando em metro o que devia em ouro...»

Esta phase da vida de Bocage, que poderei chamar «a sua iniciação na calaçaria lisboeta», durou até 1786, anno em que o poeta, despachado com o posto de guarda marinha, partiu para a India, com escala pelo Rio de Janeiro. Como Camões, Bocage vae vêr os grandes mares e o Oriente. É com um accento de grande melancolia, mas tambem de grande esperança, que elle se despede de Lisboa:

«Antiga patria minha, e lar paterno,
Penates, a quem rendo culto interno,
    Lacrimosos parentes,
Que inda na ausencia me estareis presentes,
Adeus! um vivo amor de nome e fama
A nova região me attráe e chama.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gran Camões, por quem de amores
    Inda as Musas suspiram;

Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde horrendissimo gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a honra, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
De onde, ó Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros!

Nos climas, onde mais do que na Historia
Vive dos Albuquerques a memoria,
Nos climas, onde a guerra
Heroes eternisou da lysia terra,
Vou ver se acaso ao meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte honrada...»

Pobre! nem vida feliz, nem morte honrada... Lá se foi o desventurado para a Asia, e veiu, primeiro, ao Brasil, onde a sua nau devia vir buscar o novo governador nomeado para a India. No

Rio de Janeiro, Bocage, que morou na velha rua das Violas, foi feliz: recebeu assistencia e carinho do então governador do Brasil, Luiz de Vasconcellos, literato, que foi amigo dos nossos José Basilio da Gama e padre Conceição Velloso. E teve amores cariocas, e relembrou em versos gratos o encanto da cidade,

« . . . . onde murmura
O placido **Janeiro,** em cuja areia
Jazia entre delicias a ternura... »

O poeta quiz ficar no Brasil. Mas não ficou, e seguiu para Gôa, onde encontrou uma sociedade insupportavel, enfatuada, ridicula, corrompida, — viveiro de viciosos. Bocage, pervertido por um famoso jogador, alferes José Dionysio, cahiu nessa existencia desre-

grada, encalacrou-se em tavolagens, desertou, fugiu, esteve em Damão e Surrate, naufragou em Cantão, e foi para Macau a pé, esfarrapado, faminto, mendigando. E ahi padeceu miseria negra e vida vergonhosa...

Ao cabo de 4 annos deste ignominioso martyrio, Manuel Maria voltou a Portugal. Tinha então 24 ou 25 annos de edade, e vinha encontrar Lisboa, como a deixára, entregue ao beaterio, á devassidão e ao despotismo. Camões, no Oriente, soffrera, e exaltára a sua alma, e crystallisára os seus soffrimentos num poema immortal; Bocage, no Oriente, soffrera, e rebaixára a sua alma, e aprendera o amor da ociosidade e do vicio, e adquirira o gosto da satira mordaz, que é a expressão commum do

descontentamento, da desesperação e da impotencia. É que differentes eram as épocas, em Portugal, como na Asia. No Oriente e no Occidente, no decahido Imperio e na decrepitada Metropole, a pompa e o fulgor da conquista, os trophéus e a corôa, a victoria nos mares e o enthusiasmo na terra atolavam-se num pantano... Filhos de dois periodos oppostos, Camões e Bocage foram o que tinham de ser. O primeiro foi da era da aventura e da força; o segundo foi da era da carolice ridicula, da hypocrisia e da libidinagem.

Depois do regresso ao reino, os quinze annos de vida, que Elmano ainda teve, foram tristes como os outros, cheios de van gloria e de deploravel celebridade: a improvisação nos botequins,

nas salas e nas grades dos conventos; os lampejos de independencia, logo suffocados na estreiteza do meio e do habito; os louvores exaggerados, excitando ainda mais a immensa vaidade natural do poeta; a animosidade dos rivaes mediocres, as injurias, a inveja, a calumnia, a pobreza, precipitando-o no furor e no desregramento. Como todos os grandes espiritos do tempo, Elmano quiz reagir contra a tyrannia politica e religiosa. Estes assomos de dignidade levaram-no aos carceres da policia de Pina Manique e do Santo Officio. Quando sahiu da prisão, voltou aos botequins, fez escola, chegou ao fastigio da popularidade e da desgraça, e teve a sua famosa e feroz campanha com o invejosissimo padre José Agostinho de

*

Macedo, que tambem invejara Camões, pretendendo desbancar «Os Lusiadas» com o seu «Oriente». Consumiu-se assim, em lutas, a vida de Bocage, que envelheceu prematuramente, adoeceu, e morreu miseravelmente em 1805, num quarto andar da travessa de André Valente, pouco depois de escrever este soneto:

«Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões, que me arrastava;
Ah! cego, eu cria, ah! misero, eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros soes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh Deus! Quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube!»

Morto Bocage, a triste e perigosa vulgarisação, que se chama a popularidade, deveria, para o seu nome e para a sua immensa e radiante obra lyrica, transformar-se em pura gloria. Mas a gloria que lhe está sendo dada, está maculada. Um seculo de vergonha pesa sobre a alma de Elmano. O que aconteceu á sua memoria é doloroso e revoltante. Em torno do seu nome, chegou a formar-se uma atmosphera de depravação e de escandalo. «Versos bocageanos», na bocca do povo, querem dizer: versos que se não podem dizer, literatura de sal grosso e bafio nauseante, florilegio de lama. Como se não bas-

tasse, para diffamar a memoria do poeta, as rimas de erotismo baixo, que elle infelizmente deixou, suas, bem suas, authenticadas pelo cunho inconfundivel do seu estylo e da sua incomparavel technica,—ainda todas as gerações, que se seguiram á sua, têm inventado sujas trovas, tolas quadrinhas, innominaveis sonetos, que a ignorancia alvar e sacrilega do populacho vae attribuindo á autoria do mais limpido versificador, que jamais praticou a nossa lingua.

Duas injurias: a aggravação dos verdadeiros peccados do homem, e a falsa imputação, aleive infamante ao credito do artista.

Sobre a primeira injuria, podemos passar sem reparo demorado. Para honrar a memoria de Bocage, e rehabilital-o,

dando ao poeta o logar que lhe compete, não é necessario negar os vicios do homem, transformando-o num anjo. Carlyle escreveu que os grandes homens não podem, nem devem ser julgados pelos seus defeitos, senão pelas suas qualidades... E Manuel Maria não foi melhor nem peor do que os homens do seu meio e da sua época. Naquelle tempo, e naquella Lisboa de Dona Maria Primeira, não havia anjos. Bocage foi realmente um vaidoso, um bohemio, um desordenado, um brigão, um homem de alma fraca e de linguagem desenvolta. Mas que eram os seus contemporaneos? Elle foi bem um filho da sua época. A cidade e o reino enchiam-se de libertinos e desboccados. Salões e conventos, palacios e ruas tinham a

mesma gente sem moral. Os costumes eram soltos, e o falar desbragado. Foi então que começou a florescer o medonho calão, que ainda hoje deshonra o idioma portuguez, a giria abjecta que suja a imprensa de Portugal e do Brasil, essa horrenda geringonça, de que Eça de Queiroz estereotypou o modelo n'«Os Maias», no artigo asqueroso de Palma Cavallão, na «Corneta do Diabo». Todos os poetas do tempo de Bocage rimavam coisas fesceninas e satiras atrozes, e assim se sujeitavam á moda, lisonjeando o gosto da gente que os rodeava...

Mas a segunda injuria,—e, mais do que injuria, calumnia,—essa é que deve ser dolorosa para nós; essa é que deve ser combatida por todos os poetas, e

por todos os homens de cultura intellectual e moral. Bocage, autor de versos tolos e errados! Pobre poeta... Os recitadores das salas—gente damninha! —e os rhapsodistas das ruas—raça abjecta!—torturam, desarticulam, destroncam, escorcham, escarnificam, aspam, desossam, mutilam, desgraçam a metrificação de Elmano. Até o seu mais erudito biographo, o sr. Theophilo Braga, que deveria ter a obrigação de saber o que é um verso bom e um verso mau, é cumplice no crime. Este critico, nas paginas do seu alentado volume de biographia e analyse literaria, tranquillamente acceita a authenticidade desta quadrinha enfesada, molle e torta, com que, no dizer das chronicas, Bocage respondeu ás perguntas dos «noctur-

nos» da guarda real da policia, quando o prenderam á sahida do botequim do Nicola:

Eu sou Bocage,
Venho do Nicola;
Vou p'r'o outro mundo
Se dispara a pistola...

Como se porventura esta prodigiosa imbecilidade pudesse sahir da intelligencia e da bocca de Elmano, por mais que lhe tivessem embrulhado as idéas e a lingua os carrascões da tasca!

Urge rehabilitar o formoso lyrico, que compoz tantos sonetos de ardente amor e triste philosophia, e tantos idyllios, e tantas elegias, e tantas canções, que honraram a nossa raça. E urge, sobretudo, rehabilitar o grande architecto da expressão verbal, o admiravel artista

da palavra, o inexcedivel metrificador, que foi o desventurado Manuel Maria.

Não consintamos permaneça vilipendiada a reputação do lyrico, que escreveu estes quatorze versos:

«Se é doce no recente, ameno estio
Ver toucar-se a manhan de ethereas flores,
E, lambendo as areias e os verdores,
Molle e queixoso deslisar-se o rio;

Se é doce innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores
Seus versos modulando e seus ardores,
De entre os aromas do pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreia os prados;

Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida...»

Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage, e depois delle decahiu. Da sua geração, e das que a precederam, foi elle o maximo cinzelador da metrica. A plastica da lingua e do metro; a pericia no ensamblar das orações e no escandir dos versos; a riqueza e graça do vocabulario; o jogo sabio e ás vezes inesperado das vogaes e das consoantes dentro da harmonia da phrase; a variação maravilhosa da cadencia; a sobriedade das figuras; a precisão e o colorido dos epithetos; todos estes difficeis e complicados segredos da arte poetica, cuja belleza e raridade ás vezes escapam até aos mais cultos amadores da poesia e aos mais argutos criticos literarios, e que sómente os iniciados podem ver, comprehender e ava-

liar; esta consciencia, este gosto, esta medida, este dom de adivinhação e de tacto, de que os artistas natos têm o privilegio,—tudo isto coube a Elmano, tudo isto se entreteceu no seu talento. Depois delle, Portugal teve talvez poetas mais fortes, de surto mais alto, de mais fecunda imaginação. Mas nenhum o excedeu, nem o igualou no brilho da expressão. O romantismo veiu renovar a poesia portugueza, deu frescura e brilho á idealisação dos assumptos, deu força e graça ao movimento da expressão,—e benefica foi aquella rebeldia contra a seccura e dureza dos moldes classicos. Mas, depois de Garrett e Castilho, os ultimos renovadores exaggeraram e deturparam a escola saneadora. Implantou-se nos arraiaes da Poesia o desleixo,

a correcção da linguagem foi desprezada, e a metrica arrastou-se por longos annos, pobre enferma, aleijada misera, em vão supplicando cuidados de desvelado orthopedista... Houve, depois, felizmente, reacção; mas esta reacção não se manifestou em Portugal, senão aqui, no Brasil, com a geração dos chamados poetas parnasianos, erradamente parnasianos, porque, como tão bellamente escreveu o meu querido mestre Alberto de Oliveira, «entre nós nunca houve parnasianismo; houve, sim, por influxo deste, um desvio da corrente poetica, que, engrossada a principio dos melhores cabedaes romanticos, rolava ultimamente rasa e desfallecida; houve substituição e melhoria de alguns ideaes, a dos elementos de elocução, linguagem,

e tudo o mais tocante ao meneio do verso; tomou-se então mais a sério o officio de lidar com a palavra, o que não foi senão repôr em seu logar este officio ou arte, sempre reverenciada dos bons espiritos; e não direi o «culto da fórma», mas o empenho de bem escrever, aprimorando esta ou expurgando-a de vicios que a desfeiam, tornou-se mira principal dos poetas de então».

Pois bem, devem os nossos poetas modernos ter Bocage como orago e mentor. Devem amal-o e estudal-o, sem o imitar, porque não podemos pensar e escrever exactamente hoje como se pensava e escrevia em 1800, mas aprendendo com elle o respeito do idioma e da versificação.

E congreguem-se todos os bons ami-

gos da Poesia no piedoso trabalho da rehabilitação de tão alto cantor e adoravel artista! Não fiquem sobre o seu nome tantas crustas de lodo! Esqueçam-se as tristes paginas de amargo rancor e feia licenciosidade, que o descontentamento, a má educação do tempo, a miseria, o desamparo moral inspiraram a Elmano; rasguem-se, queimem-se, com asco e horror, todas essas invenções impressas, com que descarados escrevinhadores procuram, sob a capa da fama do grande poeta, explorar a algibeira e depravar o gosto do povo; leiam-se e releiam-se os perfeitos versos em que elle cantou os seus amores e as suas desgraças; e alvoreça para elle a verdadeira e definitiva gloria.

E possa elle, libertado do desdouro

que tanto tempo lhe infamou a memoria, repetir:

«Eia! Os odios cevae, cevae a infamia,
Furias, que evaporaes tartareas sombras
Contra o olympo fulgor, que envolve o genio!
Entre essa escuridão, reluz meu nome,
Versos balbuciei com a voz da infancia;
Vate nasci, fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril macio e tenro
Semelha o mimo de virginea face...
Se ás Musas não pertenço, eu, que a Virtude,
Philosophia, Amor cultivo, adoro;
Eu, que cem vezes, concebendo o Olympo,
Absorto com Platão num mundo estranho,
Ou de olhos divinaes divinisado,
Sinto no coração, na voz, na mente
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E: «Eis o Deus! eis o Deus!» exclamo, e vôo
De repente onde mil nem vão de espaço;
Pertencereis ás Musas, vós, sem fama,
Sem alma, sem ternura? Ah! longe, longe
De meus candidos sons, que se enxovalham,

Peçonhentos dragões, na peste vossa!
Graças, ó Phebo! ó nume! ó Lysia! ó Patria!
Vosso dons, vosso applauso alteiam, firmam,
Sobre a cerviz da inveja o meu triumpho!»

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 28 DE NOVEMBRO DE 1917.
PORTO

